

# Marx, Gramsci e o conhecimento: ruptura ou continuidade?

MARCOS FRANCISCO MARTINS

*Autores Associados/Centro Unisal, 2008, 325p.*

*Luís Antonio Groppo\**

O livro em questão resulta da tese de doutorado de Martins, defendida em 2004 na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. A apresentação de José Claudinei Lombardi, importante estudioso da história da educação referenciado no marxismo, destaca o embate epistemológico a ser travado com a pós-modernidade e com sua ênfase no não-racional e no subjetivo, tido como uma espécie de tradução filosófica da atual fase “irracional” do capitalismo.

A “Introdução” destaca que a obra pretende ler o marxismo originário e o de Gramsci, em suas propostas epistemológicas, como defensoras do conhecimento intrinsecamente aliado à prática política transformadora, como “práxis”. Tal palavra foi utilizada de modo recorrente na obra de Gramsci escrita no cárcere não apenas por causa da censura fascista, mas também pelo entendimento dialético que tinha do marxismo, o que o levou a chamar o materialismo histórico e dialético de “filosofia da práxis”.

E são estas as tarefas das duas partes que compõem o livro. Na primeira, em dois capítulos, o autor busca discutir e definir os elementos que caracterizam o marxismo originário – justamente, seu caráter “materialista”, “histórico” e “dialético” – para, em seguida, reafirmar a posição epistemológica teórico-prática de

---

\* Professor do Programa de Mestrado em Educação do Unisal (Centro Universitário Salesiano de São Paulo), Americana/SP, [luis.groppo@am.unisal.br](mailto:luis.groppo@am.unisal.br)

Marx. O tom quase didático e o desenvolvimento claro e metódico da exposição marcam, a partir daí, esta obra, capaz tanto de agregar novos conhecimentos a leitores mais experientes no marxismo quanto de levar os interessados em se aprofundar na “filosofia da práxis” a seus aspectos mais singulares.

Na segunda parte do livro, Marcos Francisco Martins busca responder à principal questão de cunho epistemológico levantada: do ponto de vista gnosiológico, Gramsci teria se afastado do marxismo originário, incorrendo no “idealismo”? Para responder a essa questão, justamente foi necessária a interpretação da concepção de conhecimento em Marx, esforço da primeira parte da obra, em que Marx, Engels e até mesmo Lenin tiveram suas obras avaliadas. Percebe-se que o marxismo é interpretado de um modo quase avesso ao positivismo e ao cientificismo – mesmo que algo ou muito desses tenham adentrado ao marxismo, incluindo os de Marx, Engels e Lenin. O marxismo originário é tido, em seu núcleo fundamental, como avesso a determinismos simplistas, à busca de relações de causalidade entre estruturas sociais separadas e estanques e a uma concepção de realidade como independente dos sujeitos.

Se Gramsci não fora um marxista na acepção “ortodoxa” do termo quanto à sua epistemologia, então teria se afastado das premissas do materialismo histórico e dialético quanto à noção de conhecimento. É o que defendem alguns importantes intérpretes de Gramsci, não-marxistas como Norberto Bobbio e até mesmo especialistas como Carlos Nelson Coutinho: para estes e outros, a ênfase de Gramsci na ação dos sujeitos, na cultura e até mesmo nos organismos da “sociedade civil” continha um considerável, ou ao menos relativo, desvio idealista.

Martins tenta demonstrar que não houve tal desvio, muito ao contrário, pois o que Gramsci buscou fazer foi pensar e realizar criativamente o núcleo do materialismo histórico dialético para as questões de seu tempo e lugar – sem deixar de ser “ortodoxo”, ao contrário, preservando a ortodoxia justamente por realizar o movimento de diálogo entre conhecimento e prática política em um tempo-espaco concreto. Segundo Martins, por outro lado, a ênfase gramsciana nos sujeitos e na história era uma atitude necessária diante do tipo de marxismo que vinha sendo cultivado pelos autores ligados à Segunda e Terceira Internacionais Comunistas, um marxismo positivista e cientificista.

A segunda e maior parte do livro é composta de três capítulos. No primeiro, Martins contextualiza a obra de Gramsci ao longo da vida desse dirigente comunista italiano, em tempos de uma quase revolução trabalhadora na Itália, do avanço do fascismo e de Mussolini e do penoso e duradouro cárcere a que foi submetido, quando escreveu seus *Cadernos do cárcere*. Ainda nesse capítulo, são focadas as mudanças da realidade social, na passagem do século XIX ao XX, e suas implicações para as questões gnosiológicas e axiológicas – o que fez que Gramsci, para compreendê-las, tivesse criado, por exemplo, as noções de “Estado ampliado = sociedade política + sociedade civil” e de “bloco histórico”, noções que também

são consideradas por Martins como muito profícuas para pensar questões sociais e educacionais contemporâneas.

O quarto capítulo do livro busca responder à questão relativa ao caráter da epistemologia gramsciana: seria ela fiel ou não à ortodoxia do marxismo originário? A resposta do autor é pela fidelidade do pensador italiano ao legado de Marx, de acordo com argumentos que afirmam a relação íntima entre conhecimento e prática política transformadora, bem como que a concepção de Marx sobre o conhecimento enfatizava o caráter concreto da realidade, a relação desta como, ao mesmo tempo, condicionadora e condicionada em relação aos sujeitos, o caráter dinâmico da realidade, dado que ela é um constante devir e é composta de contradições entre suas partes, que só podem ser compreendidas como uma totalidade. Desse modo, Gramsci teria se orientado tanto pelo componente materialista quanto pelo historicismo e pela dialética do marxismo originário.

O último capítulo utiliza as discussões precedentes para tratar de questões pedagógicas e ético-políticas à luz do pensamento gramsciano. Ressalta-se que o conhecimento, segundo Gramsci, tem valor ético-político e pedagógico. Ao ressaltar a importância dessas dimensões, Gramsci não se torna um idealista, dado que a transformação ideológica só se tornaria possível acompanhada de uma efetiva transformação econômica. Novamente é o real pensado como uma totalidade, articulando-se suas distintas dimensões, objetivas e subjetivas, por numerosas mediações.

Na conclusão, Martins referenda a afinação de Gramsci com o marxismo originário, bem como sua capacidade de inovar e agregar contribuições ao marxismo. A atualização de Gramsci, no que se refere à epistemologia, dá-se no sentido de que ele considera o conhecimento tendo “valor pedagógico-político” (p.303), a contribuir na constituição de “um novo padrão de civilidade” (p.304).

A obra de Martins avulta-se em sua sistemática e esclarecedora apresentação e análise de excertos de marxistas clássicos sobre o conhecimento. Defende uma leitura do marxismo que exalta os mais criativos elementos deste, que o diferencia teórica e epistemologicamente tanto de outras clássicas teorias totalizadoras mas simplistas – em especial, o positivismo – quanto de contemporâneas epistemologias pós-modernas que ensaiam por vezes a negação de qualquer possibilidade de conhecer. Este é o principal mérito do livro de Martins: a busca da recuperação de uma rica tradição marxista – dialética, materialista e histórica – que reconhece a realidade como concreta obra de seres humanos, realidade preñe de contradições e que enseja respostas pela prática dos indivíduos, grupos e sociedades, realidade dinâmica e que exige um processo de conhecimento engajado e criativo.

GROPPO, Luís Antonio. Resenha de: MARTINS, Marcos Francisco. Marx, Gramsci e o conhecimento: ruptura ou continuidade? Autores Associados/Centro Unisal, 2008, 325p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.28, 2009, p.191-193.

***Palavras-chave:*** Marx; Gramsci; Epistemologia.